

VARIAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA: O CONCEITO DE PULSÃO DE MORTE EM FREUD, LACAN E ŽIŽEK

VARIATIONS ON THE SAME THEME: THE CONCEPT OF DEATH DRIVE IN FREUD, LACAN AND ŽIŽEK

FABIANO VELIQ

Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais, Brasil
iqfil@msn.com

Received: 10 Jan 2023

Accepted: 20 Feb 2023

Published: 10 Mar 2023



Abstract: O presente artigo tem como objetivo evidenciar o conceito de pulsão de morte em Freud, Lacan e Žižek. Procuramos evidenciar os pontos centrais do conceito de pulsão de morte de forma a compreender as diferenças de tal conceito nos autores tratados no artigo. Com isso somos capazes de ver o *crescendum* de tal conceito e o refinamento desse conceito central para a Psicanálise.

Keywords: Pulsão de morte. Repetição. Objeto pequeno (a). Sujeito.

Resumo: This article aims to highlight the concept of death drive in Freud, Lacan and Žižek. We tried to highlight the central points of the concept of death drive in order to understand the differences of this concept in the authors treated in the article. With that, we are able to see the *crescendum* of such a concept and the refinement of this central concept for Psychoanalysis.

Palavras-chave: Death drive. Repetition. Small object (a). Subject.

1. Introdução

O conceito de pulsão de morte é uma formulação freudiana de 1920, do livro *Para além do princípio de prazer*. Freud chega à formulação após analisar soldados que retornavam da Segunda Guerra Mundial e contavam sonhos de situações extremamente traumáticas vivenciadas por eles em batalha. Freud questionava-se porque sonhos desprazerosos que aumentavam a carga de excitação psíquica eram trazidos à tona pelo psiquismo ao invés de evitados. A resposta que Freud encontrou foi que os conteúdos traumáticos, desprazerosos, eram revividos em uma tentativa do psiquismo de dominar a energia relacionada a eles, ou seja, vincular ao psiquismo os conteúdos traumáticos e devolver a paz e o equilíbrio ao psiquismo (FREUD, 1920).

2. O conceito de pulsão de morte em Freud

É bem sabido que Freud possui duas grandes teorias das pulsões; a primeira, chamada de “teoria da libido” proposta, sobretudo, em seu livro *As pulsões e suas vicissitudes* (1915/2006) e a outra, desenvolvida em *Para além do princípio de prazer* (1920/2006). A primeira teoria das pulsões consistia em uma divisão entre as chamadas “pulsões do eu”, responsáveis pela conservação do indivíduo, e as chamadas “pulsões sexuais”, responsáveis pela continuação da espécie.

A partir da sua teoria do narcisismo de 1914, Freud percebeu que o próprio ego poderia ser objeto da pulsão sexual e, a partir disso, unificou as chamadas pulsões do eu e pulsões sexuais e as chamou de “pulsão de vida”, responsável pela unificação e o investimento pulsional, e, em contraposição a ela, cunhou o termo “pulsão de morte”, que seria voltada à inanição, à diminuição da excitação. Freud entendia a pulsão como um conceito que marcava um limite entre o psíquico e o somático. Dessa forma, a pulsão não era apenas somática, mas, também, psíquica, e Freud fazia questão de diferenciar a pulsão (*Trieb*) do instinto (Instinkt), de forma que o ser humano se definia como um sujeito pulsional.

A segunda teoria da libido adquire uma importância enorme para a teoria psicanalítica, embora não tenha sido desenvolvida de maneira sistemática por Freud, mas se tornou importante para pensar temas caros à psicanálise como “sadismo”, “masoquismo”, outro entendimento sobre a agressividade, e se tornou um conceito central para o desenvolvimento da psicanálise contemporânea, e em relação ao pensamento de Žižek, tal noção é central.

Na formulação freudiana, a pulsão de morte era entendida como uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo, ou seja, uma diminuição de excitação libidinal evidenciada pela descarga, pela falta da vida, ou seja, pela morte. Freud entendia que todo organismo tenderia a um estado de inanição, ou seja, o que a pulsão almejava em última instância é se manter no seu estado primeiro de quietude. Segundo afirmam Azevedo e Mello Neto (2015):

A pulsão de morte era entendida por Freud como uma tendência que levaria à eliminação da estimulação do organismo. Assim, o trabalho dessa pulsão teria como objetivo a descarga, a falta do novo, a falta de vida, ou seja, a morte. Então, o organismo não teria em sua base constitucional o desejo pela mudança, pois estaria fadado a buscar sempre estados anteriores. A tendência do organismo à mudança e ao progresso seria, portanto, uma aparência enganadora. A verdade é que o organismo estaria apenas a buscar um objetivo antigo por caminhos novos, isto é, por conta da pressão de forças perturbadoras externas, o organismo precisaria fazer um "détour" da função conservadora para lograr a meta final de conservação de estados antigos, aí é nesse "détour" que se encontra o desenvolvimento. (AZEVEDO e MELLO NETO, 2015, s/p)

Nessa teoria pulsional freudiana, haveria uma constante luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. A primeira, mantendo o sujeito em movimento, enquanto a segunda, insistindo na inanição e diminuição das excitações. Como forma de evitar a destruição interna, a pulsão de morte seria canalizada em objetos externos sob a forma de destruição.

No entanto, haveria uma parte da pulsão de morte que se manteria no ego e deveria, por isso, ser mantida sob controle para evitar a agressividade sobre o próprio sujeito. Quando a pulsão de morte se aliava à pulsão de vida no ego, haveria uma forma saudável de descarga dessa pulsão, do contrário, a pulsão de morte desfusionada da pulsão de vida geraria neuroses graves ao sujeito. Quando desfusionada da pulsão de vida, a pulsão de morte encontraria no superego um forte aliado na culpabilização do sujeito, na crueldade para consigo e uma atitude extremamente punidora sobre o ego, gerando uma culpa e um sentimento de que o sujeito mereceria a punição.

Para lidar com essa situação perturbadora, o indivíduo passa a desenvolver uma compulsão à repetição. Em seu livro *Recordar, repetir e elaborar* (1914) Freud, ao se deparar com casos clínicos em que novamente os pacientes rememoram situações traumáticas em seus sonhos, propõe que alguns conteúdos não podem ser recordados e, por isso, aparecem sob a forma de atuação do sujeito, ou seja, os sujeitos repetem esses atos como forma de domar tais conteúdos, e assim, atingir um equilíbrio mental, mesmo que isso gere sobre ele um forte desprazer e sofrimento.

Freud entendia que a excitação excessiva seria plenamente prejudicial e traumática para o aparelho psíquico, de forma que seria necessário haver uma descarga pulsional como forma de evitar o enlouquecimento absoluto do sujeito. Assim, a pulsão de morte, para Freud, era trazida à tona como atuação para que, posteriormente, o princípio de prazer entrasse em cena. Aqui, percebe-se uma primazia da pulsão de morte sobre a pulsão de vida como sendo algo mais “elementar” na estrutura psíquica do sujeito. A compulsão à repetição, nesse sentido, cumpre essa função de evitar o mau funcionamento do aparelho psíquico.

Através dessas observações, Freud supôs que haveria uma tendência do organismo à repetição e que esta seria uma forma de vincular psiquicamente a energia que estaria solta em seu interior e assim dominá-la, isto é, transformá-la em algo familiar e não traumatizante. Ao transformar este algo em "familiar", o equilíbrio e constância seriam recobrados. A repetição de situações anteriores permitia ao sujeito dominar os estímulos e, assim, obter mais vivências, cada vez menos traumatizantes. Dessa forma, seria possível reviver algo seguro e conhecido que não colocaria o organismo em cheque, que não o desafiaria, e que o permitiria manter a constância e o equilíbrio. Segundo Freud:

Se procurar restaurar um estado anterior de coisas constitui característica tão universal das pulsões, não precisaremos surpreender-nos com que tantos processos se realizem na vida mental, independentemente do princípio de prazer. Essa característica seria partilhada por todas as pulsões componentes e, em seu caso, visariam a retornar mais uma vez a uma fase específica do curso do desenvolvimento. (Freud, 1914/2006, p. 73)

Dessa forma, Freud (1914/2006) afirma que a pulsão de morte estaria “para além do princípio de prazer”, ou seja, ela está para além daquilo que pode ser representado e dito pelo sujeito, pois é puramente dispersa, mas se manifesta na sua forma mais rudimentar por meio da compulsão à repetição que é movida por uma dinâmica inconsciente. Fora do aparelho psíquico, as pulsões são pura dispersão, potência dispersa, sem ordem alguma.

Somente quando elas encontram representação (*Vorstellungsrepräsentanz*) na aparelhagem psíquica, que opera com tendência ao princípio do prazer, é que as pulsões podem encontrar satisfação. Como afirma Garcia-Roza: “Assim, as pulsões, em si mesmas, seriam todas ‘qualitativamente da mesma índole’, como diz o próprio Freud; a diferença entre elas seria dada pelos seus modos de presentificação no aparato anímico” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 160).

É por isso que, para Freud (1920/2006), a pulsão de morte se torna central na segunda teoria das pulsões. Tanto a pulsão de vida quanto a pulsão de morte visam ao mesmo fim, ou seja, ao estado inorgânico, por isso essas pulsões não seriam opostas, mas complementares. A pulsão de morte se torna, portanto, a pulsão por excelência, uma vez que seria mais arcaica, no esquema freudiano da Segunda Tópica. Freud não chegou a desenvolver uma “teoria sobre a pulsão de morte” da mesma forma que teve o cuidado com diversos outros conceitos – tal conceituação mais robusta aparecerá no desenvolvimento da psicanálise, principalmente com Lacan.

3. O conceito de pulsão de morte em Lacan

A segunda teoria das pulsões de Freud teve um impacto muito grande nas formulações do pai da psicanálise, mas também foi objeto de discórdia nos psicanalistas pós-freudianos. Dentre esses psicanalistas, o que mais se deterá sobre o conceito de pulsão de morte será Lacan, de forma que tal conceito é fundamental para a atualização da psicanálise promovida pelo psicanalista francês. Lacan é, sem dúvida, a referência psicanalítica de Žižek e, por isso, vamos nos ater um pouco na forma como Lacan entende a noção de “pulsão de morte”. Claro que aqui não pretendemos fazer uma análise exaustiva desse conceito em Lacan, mas apenas realçar os pontos principais da sua compreensão sobre esse conceito que se torna central para Žižek.

O primeiro aspecto que precisamos ressaltar é que Lacan abandona a “dicotomia freudiana entre pulsão de vida e pulsão de morte em proveito do conceito de ‘gozo’ nome lacaniano da pulsão de morte freudiana” (Guillot, 2014, p. 12), elevando a fusão pulsional a um pressuposto que se faz presente em toda expressão subjetiva. Como afirma Guillot:

Vê-se, por aí, igualmente, que Lacan não abandonou nunca a pulsão de morte freudiana. Ao contrário, fez dela a pedra de sustentação do circuito pulsional. E quando fez do gozo o problema maior com o qual cada um, seja neurótico ou psicótico, tem que se confrontar, pode-se dizer que inscreve a questão da pulsão de morte no coração mesmo de sua teoria e de sua concepção do tratamento. Porque, a partir de então, a pulsão de morte deverá ser tomada na relação particular, sempre singular, que o sujeito mantém com o gozo, com o objeto a que causa seu desejo. (GUILLOT, 2014, p. 12)

O gozo¹ é outro conceito central da teoria lacaniana. Via de regra, o gozo se opõe ao princípio de prazer, se coloca como uma exigência que o torna irresistível. Assim, o

¹ A noção de gozo é um conceito extremamente amplo e aqui não teria como abordá-lo de maneira exaustiva, pois isso fugiria do escopo do nosso trabalho. Em Žižek, o tema do gozo

gozo vai ao sentido da destruição, da morte. O que caracteriza o prazer é seu caráter razoável, apaziguador, sem tensão, o que faz com que ele possa encontrar seus próprios limites e parar diante da barreira do mal, da dor, do feio. O princípio do prazer é, nesse sentido, um princípio de sobrevivência.

Outro ponto importante a ressaltar é que Lacan não vinculará a pulsão de morte a algo animal, mas sim como algo advindo da sua articulação com a linguagem. É a linguagem que faz do homem um animal capaz de crueldade. Dessa forma, o sujeito pensado como ser de linguagem (que habita e é habitado por ela) se constitui apenas a partir de um outro que, ao acolhê-lo, lhe insere em um mundo de sentido. É a partir desse momento que as pulsões começam a se organizar para o sujeito.

Lacan considera que Freud foi um prisioneiro da sua época, ou seja, ao vincular a teoria das pulsões a um caráter biológico, Freud abre espaço para várias confusões, pois o conceito de pulsão de morte partiria do pressuposto de uma agressividade inata do ser humano. Para romper com essa estrutura biologizante, Lacan vinculará o conceito de pulsão de morte ao conceito de linguagem. A noção de pulsão de morte se ligará, portanto, à noção de significante. A tendência à morte não está ligada somente a uma falha vital, ela está também ligada à lógica do significante. É porque existe a linguagem que, diferentemente do animal, a dimensão da morte está presente em nossa vida; a morte entra na vida pela ação do significante.

Em seu “Discurso de Roma”, de 1953, Lacan afirma que a relação entre a morte e o símbolo se dá pelo fato de que o símbolo marcaria a morte da coisa, isto é “o símbolo se manifesta inicialmente como assassinato da coisa” (LACAN, 1953/1998, p.320). O símbolo anula a coisa, se coloca no seu lugar e, nesse sentido, a ligação se dá de maneira crucial entre a linguagem simbólica e a morte. Na medida em que o sujeito só se torna

aparece como aquilo que escapa na tentativa de dizer o mundo. A forma como o autor tenta relacionar Hegel com Lacan faz com que o conceito de gozo se torne central também para Žižek em seu projeto filosófico. Para ele, como será mostrado, Hegel está falando que o que temos no mundo é a aparência. Essa aparência é o mundo, são as sociedades representando a si mesmas. Essa leitura é sempre furada, e aí que entra o gozo. Lacan formula diversas teorias sobre o gozo no decorrer do seu ensino, de forma que podemos caracterizar seis paradigmas do gozo. *A imaginariização do gozo* (1953), *A simbolização do gozo* (1957), *O gozo impossível* (1960), *O gozo normal* (1964), *O gozo discursivo* (1968), e *O gozo da não-relação* (1973). Todas essas formulações demonstram que o tema do gozo é central em todo o ensino de Lacan.

sujeito quando é invadido pela linguagem, a morte se torna um aspecto crucial da vida dele.

Aqui, é importante ressaltar o que ficou conhecida como tópica lacaniana, i.e, aquilo que Lacan nomeia como a dimensão do Real, Simbólico e Imaginário (RSI). Não é nossa intenção explicar toda a articulação proposta por Lacan sobre esses termos, mas são conceitos que ajudam a entender a forma como Lacan percebe a própria Psicanálise. Em seu livro *Acontecimento*, Žižek sintetiza essa tópica de maneira simples e direta. Segundo o autor:

Para Lacan, o imaginário, o simbólico e o real são as três dimensões fundamentais em que habita um ser humano. A dimensão do imaginário é nossa experiência vivida direta da realidade, mas também de nossos sonhos e pesadelos – é o domínio do aparente, de como as coisas aparecem para nós. A dimensão do simbólico é o que Lacan chama de “grande Outro”, o outro invisível que estrutura nossas experiências da realidade, a complexa rede de regras e significados que nos faz ver o que vemos da maneira como o vemos (e o que não vemos da maneira como não o vemos). O real, contudo, não é simplesmente a realidade externa; é, em vez disso, como diz Lacan, “impossível”: algo que não pode ser nem diretamente vivenciado nem simbolizado – como um encontro traumático de extrema violência que desestabiliza inteiramente nosso universo de significado. Como tal, o real só pode ser discernido em seus vestígios, efeitos e consequências. (ŽIŽEK, 2017 p. 65-66)

No *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1973), Lacan propõe uma nova forma de pensar a pulsão de morte que será crucial para o desenvolvimento da sua teoria, segundo Guillot:

Lacan tinha tentado pensar a questão da libido freudiana a partir do imaginário, mas era ao preço de fazer da pulsão de morte um fenômeno imaginário assim como a agressividade. Em seguida, quando tinha recorrido ao registro do simbólico, é a dimensão significativa da pulsão de morte que tinha sido realçada. Agora, como o Seminário 11, ele opera um novo giro. Recorrendo ao

registro do real para dar conta da libido freudiana, é a dimensão de gozo que comporta a pulsão de morte freudiana — a que Freud se refere como uma “satisfação paradoxal” — que vai ser enfatizada. (GUILLOT, 2014, p. 11)

A nova formulação lacaniana permite inserir a noção da pulsão de morte no ponto fundamental da constituição do sujeito. O próprio Lacan afirma explicitamente: “Explico assim a afinidade essencial de toda pulsão com a zona da morte, e concilio as duas faces da pulsão — que, ao mesmo tempo, presentifica a sexualidade no inconsciente e representa, em sua essência, a morte” (LACAN, 1946/1998, p.188). E acrescenta: “a pulsão, a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado” (LACAN, 1946/1998, p.195).

Para conciliar essa formulação com a teoria das pulsões sexuais, Lacan se faz valer do conceito de repetição e de uma nova formulação do conceito de pulsão de morte. Para ele, a repetição está no coração do funcionamento psíquico, isto é, no princípio da pulsão, o que está em jogo é tentar encontrar o objeto perdido que deu origem à primeira sensação de satisfação; este objeto (que Lacan chama de objeto pequeno (a)), no entanto, é irrecuperável, pois é um resto advindo da entrada do sujeito no campo da linguagem. A pulsão contorna esse objeto sem nunca atingi-lo, daí a repetição. A repetição consiste no próprio funcionamento do aparelho psíquico girando em torno do objeto pequeno (a).

3.1. O objeto pequeno (a)

Esse objeto pequeno (a) é sempre um resto, algo que “cai” por conta da entrada do sujeito no mundo humano. Ao mesmo tempo, a repetição se articula de maneira estrutural na medida em que o esforço psíquico é o de alcançar esse objeto, estando sempre em desarmonia com sua função meramente vital. É dessa forma que toda pulsão tem, em seu destino, a sua repetição. Como bem sintetiza Guillot:

Em suma, essa repetição é a que Freud se referiu como sendo a marca da pulsão de morte. Ela concerne a todas as pulsões. Ela não é o apanágio de uma pulsão específica que seria a pulsão de morte. Ela concerne a todas as pulsões parciais. Toda pulsão é uma ultrapassagem repetitiva do princípio do prazer para tentar atingir — em vão — um gozo perdido para sempre, ao preço, por vezes, de deixar sua vida, como se manifesta, por exemplo, na toxicomania. Desse ponto de vista, pode-se dizer que o abandono, por Lacan, da dicotomia freudiana entre pulsão de vida e pulsão de morte em proveito do conceito de “gozo”, nome lacaniano da pulsão de morte freudiana, é o que lhe permitiu conceber a parte mórbida de toda pulsão. [...] Em suma, ao fim desse percurso, a pulsão de morte freudiana aparece cindida em duas, entre significante e gozo. Quando Lacan recorre ao simbólico, é a dimensão significante da pulsão de morte que se adianta, e quando recorre ao registro do real para dar conta da libido freudiana, é o gozo que é considerado como indo no sentido da morte. (GUILLOT, 2014, p. 12,14)

O objeto pequeno (a), portanto, é um conceito lacaniano extremamente importante para entendermos a questão colocada por Žižek no seu diálogo entre psicanálise e filosofia. Lacan o considera a sua única invenção na teoria psicanalítica (LACAN, 1962-3/2005, pp.87-8). O objeto pequeno (a) está presente na obra de Lacan desde muito cedo, no *Seminário 2*, (1954-1955) na consagrada “fase do espelho”, em que Lacan trabalha com a noção de identificação da criança, que daria origem à agressividade. No entanto, esse conceito vai ganhando diversas formulações ao longo do ensino de Lacan, de forma que uma abordagem exaustiva do conceito não é possível dentro da dimensão desse trabalho.

Recalcati (2012) vai ressaltar quatro grandes antecedentes para o conceito de objeto pequeno (a) lacaniano. O primeiro seria a noção de “objeto” advinda da teoria freudiana da libido, como já comentado aqui. A categoria freudiana de “objeto perdido” e “objeto substituto” (*Ersatz*) torna-se central na teoria freudiana e no seu

desenvolvimento. O primeiro objeto (o seio materno) é apenas o objeto reencontrado (wiedergefunden) e será marcado pela experiência da criança, na sucção/alimentação no seio materno, que constituiria o “estilo primeiro” do objeto. Há, aqui, uma divisão entre o objeto reencontrado e o objeto procurado, de forma que o objeto substituto sobre o qual se fixa a atividade pulsional tem como fundo a perda do objeto que está para sempre perdido. Portanto, é isso que faz a pulsão girar em torno de diversos objetos substitutos.

O segundo antecedente seria a contribuição de Karl Abraham em torno da teoria das pulsões de Freud. Abraham focará seus estudos no processo de fixação pré-genital da pulsão como forma de defesa do sujeito diante da angústia da castração. Como afirma Recalcati:

A fixação da pulsão ao objeto parcial seria, ao mesmo tempo, o efeito do encontro com o buraco da castração² e um modo de repará-lo. É a mesma função que Lacan atribuirá ao objeto pequeno (a) que é, ao mesmo tempo, um buraco no Outro e a tampa que o fecha.³ (RECALCATI, 2012, p. 312)

O terceiro antecedente do objeto pequeno (a) lacaniano, segundo Recalcati (2012), encontra-se na noção de “objeto transacional” de Winnicott, que formula que tal objeto transacional não se encontra nem na região do “eu”, nem na região do “não-eu”, não está nem no sujeito e nem no objeto, mas é uma espécie de “objeto subjetivo” que permite o sujeito se separar do outro sem choques traumáticos excessivos. É uma forma de dependência a um objeto específico que torna possível o abrandamento da dependência do Outro. Segundo Recalcati (2012), o que Lacan teria feito seria separar esse objeto

² Para Lacan, a castração é aquilo que constitui o sujeito humano. É a marca da imperfeição do sujeito que, por isso, nunca pode ser pleno. Sempre haverá algo que falta a ele. Daí a ideia de “buraco da castração. A ideia de “buraco no Outro e a tampa que o fecha” remete à ideia lacaniana de que a percepção de que o Outro é também um sujeito faltante é parte constituinte do desenvolvimento do psiquismo, e o objeto pequeno (a), como categorizado como “resto”, é, ao mesmo tempo, aquilo que faz perceber a falta no Outro, mas também permite que, nessa identificação com o outro, uma relação seja constituída.

³ Original em italiano: “La fissazione della pulsione all’oggetto parziale fosse, al tempo stesso, l’effetto dell’incontro col buco della castrazione e un modo per porvi riparo. È la stessa funzione che Lacan attribuirà all’oggetto piccolo (a) che è, al tempo stesso, un buco nell’Altro e il tappo che lo richiude”. (RECALCATI, 2012, p. 312)

winnicottiano de qualquer traço empírico, e valorizar a presença desse objeto no inconsciente do sujeito, mas resguardando, ao mesmo tempo, a função de “objeto separador”.

O quarto antecedente é a teoria da mais-valia de Karl Marx. Em seu *Seminário XVII* (1969-1970), Lacan deixará clara a vinculação do conceito de objeto pequeno (a) com o conceito marxiano de mais-valia (Mehrwert). A leitura lacaniana de Marx, nesse seminário, coloca-se como uma alternativa à leitura freudo-marxista da Escola de Frankfurt, que valorizava Marx, pontuando a alienação do homem e a revolução como desalienação, tal como exposto nos Manuscritos Econômicos-Filosóficos.

Lacan dará ênfase a uma leitura de Marx seguida da interpretação althusseriana, que ressalta o caráter da estrutura do modo de produção capitalista. Lacan se propõe a ler *O Capital* de Marx para alargar a concepção freudiana descrita em *O mal-estar da civilização* (1930). Como pontua Recalcati, “Marx aparece a Lacan como o inventor do sintoma como lugar ‘que representa o retorno da verdade como tal na falha de um saber’”. (RECALCATI, 2012, p. 313). O interesse de Lacan em Marx pode ser entendido pelo caráter materialístico que Marx dá ao retorno da verdade nessa falha do saber.

Para Lacan, a contradição histórica entre retribuição salarial e força de trabalho, por exemplo, descreveria o real desta contradição, ou seja, o real do sintoma se manifestando em sua inconsistência estrutural. A mais-valia, para Lacan, seria o produto daquela parte do trabalho que não vem retribuída de um salário, ou seja, é aquilo que sobra depois da subtração e que gera o lucro para o capitalista.

É essa lógica da mais-valia que Lacan vai aplicar ao objeto pequeno (a) como mais-de-gozar, ou seja, a capacidade que o objeto pequeno (a) tem de produzir um “mais” tem lugar mediante uma perda originária. Portanto, o “mais” se configura a partir de uma perda, a partir de um “menos”. Com efeito, isto é o que coloca o objeto pequeno (a) em seu caráter paradoxal. Como afirma Recalcati: “De novo, estamos diante da duplicação paradoxal do objeto pequeno (a) que é a duplicação mesma do sujeito enquanto ele, o sujeito, é dependente do Outro e, enquanto sempre excesso, ele, o sujeito, é esta dependência: O objeto pequeno (a) é produto da perda e aquilo que a compensa.” (RECALCATI, 2012, p. 314)

Dessa forma, o objeto pequeno (a) tem a ver com a estrutura psíquica e a forma de vincular os diversos âmbitos desse aparelho. O objeto pequeno (a) é, neste sentido, o objeto sobre o qual se debruça a psicanálise como sendo o objeto que faria furo na teoria do conhecimento. O objeto pequeno (a) não seria um objeto autônomo, mas sim algo que entra na cena a partir da linguagem, entra como causa de outra coisa, nesse caso, causa do desejo. Evitando, pois, o equívoco de uma apreensão fenomenológica do objeto do desejo, Lacan o concebe não como objeto a desejar – objeto positivo, autônomo, constituído desde sempre – mas como um objeto em negativo (LACAN, 1962-3/2005, p.114-5) que não se presta à fenomenologia, não aparece. Sendo fruto da entrada do sujeito no campo da linguagem, o objeto pequeno (a) é negativo, é pura negatividade.

4. O conceito de pulsão de morte em Žižek

O conceito de pulsão de morte será crucial no projeto Žižekiano de forma que a leitura de Žižek desse conceito se torna importante para compreendermos em que medida ele coloca a religião na sua proposta.

O autor entende a pulsão de morte como possuidor de uma “dignidade filosófica” (ŽIŽEK apud DALY, 2004, p. 61). Segundo Žižek:

Na tentativa de explicar o funcionamento da psique humana em termos do princípio de prazer, princípio de realidade, etc, Freud tornou-se cada vez mais ciente de um elemento radical não-funcional, uma destrutividade básica e excesso de negatividade, que não poderia ser explicado. E por isso Freud propôs a hipótese da pulsão de morte. Eu penso que a pulsão de morte é exatamente o nome certo para esse excesso de negatividade. Isto, em certo sentido, é a grande obsessão de todo o meu trabalho: Essa leitura mútua da noção freudiana de pulsão de morte com aquilo que no idealismo alemão é tematizado como

negatividade autorrelacionada.⁴ (ŽIŽEK apud DALY, 2004, p. 61). Tradução nossa

Dessa forma, a pulsão de morte, para Žižek, adquire um ponto nodal para a sua filosofia. Na proposta do filósofo, a psicanálise permite visualizar uma relação inerente na ordem simbólica, na qual qualquer simbolização existiria para tentar lidar com algo que deu muito errado na constituição do sujeito. Segundo Žižek aponta, na entrevista que concede a Daly, que:

[...] o que me interessa tanto já no idealismo alemão é a ideia que com a negatividade (pulsão de morte) não há nem natureza nem cultura, mas algo entre elas. Nós não passamos diretamente da natureza para a cultura. Algo vai terrivelmente errado na natureza: natureza produz uma monstruosidade não natural e eu afirmo que isso é uma forma de lidar com isso, domesticar esta monstruosidade que nós simbolizamos⁵. (ŽIŽEK apud DALY, 2004, p. 64-65)

A simbolização, portanto, é um momento posterior para lidar com essa negatividade. O sujeito-como- $\$$ ⁶ é alinhado à dimensão do Real laciano, ou seja, em sua

⁴ Original em inglês: “In trying to explain the functioning of the human psyche in terms of the pleasure principle, reality principle and so on, Freud became increasingly aware of a radical non-functional element, a basic destructiveness and excess of negativity, that couldn’t be accounted for. And that is why Freud pose the hypothesis of death drive. I think that death drive is exactly the right name for this excess of negativity. This, in a way, is the big obsession of my entire work: this mutual reading of the Freudian notion of death drive with what in German idealism is rendered thematic as self-relating negativity”.

⁵ Original em inglês: “[...] what interest me so much already in German idealism is the ideia that with negativity (death drive) there is neither nature nor culture, but something in between. We cannot pass directly from nature to culture. Something goes terribly wrong in nature: nature produces an unnatural monstrosity and I claim that it is in order to cope with, to domesticate, this monstrosity that we symbolize.” (Tradução nossa)

⁶ A noção de sujeito como $\$$ é uma noção laciana para designar a condição do sujeito como barrado/cindido/cortado pela linguagem.

pureza, esse sujeito é uma pura liberdade desorientada, sem face, e o processo de subjetivação seria a tentativa do sujeito de colocar uma face humana diante do vazio monstruoso da pura negatividade⁷, seria uma formação posterior, isto é, quando algo dá extremamente errado na natureza. Como coloca Johnston, – “na visão de Žižek, o “permanecendo com o negativo” significa “conceber o ser positivo ele mesmo como materialização da negatividade – como “metonímia do Nada”⁸ para usar a expressão lacaniana. Mais especificamente, nesse contexto, o “ser positivo” da subjetificação é a “materialização do sujeito.”⁹ (JOHNSTON, 2008, p. 186)

Como Freud já pontuava, o processo de subjetificação nunca se encerra, de forma que é contínuo na medida em que a história do sujeito está sempre o alterando. Freud utiliza até mesmo a ideia da psicanálise como arqueologia, que vai descobrindo a cada momento novos escombros à medida que prossegue na análise do sujeito (FREUD 1930/2006). Žižek evidencia que o sujeito está constantemente presente na subjetificação da realidade.

Este seria meu modelo fundamental. É esta dimensão primordial, esta condição transcendental, que me interessa. Por quê? Porque, claro, esta dimensão está aqui o tempo todo. Não é primordial no sentido que aconteceu antes... não, é uma dimensão na qual, enquanto era, nos sustenta o

⁷ Em sua obra Žižek propõe uma lista de termos para a “pura negatividade tais como “cogito cartesiano”, “o sujeito-como-coisa kantiano”, “a noite do mundo hegeliano” e “o sujeito barrado lacaniano. \$”. Estes termos aludem sempre à essa pura negatividade que remetemos aqui.

⁸ A noção de metonímia é uma noção importante no ensino de Lacan e tem a ver com a ideia de que a metonímia seria um processo, na linguagem, de uma substituição de um significante por outro significante, mas não de forma completa. Desta forma, a metonímia implanta um novo significante. Mantém-se a presença dos dois significantes que impossibilita a criação de um novo signo e a associação aleatória de significante e significado. Lacan diz (2002, p.251): “A forma retórica que opõe à metáfora tem um nome – ela se chama metonímia. Ela concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear - estamos, com efeito ao nível do nome. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou que está em conexão com.” Assim, uma “metonímia do nada” tem em mente tentar dar algum significado a alguma coisa que seria puramente negativa, dando a ela um estatuto positivo.

⁹ Original em inglês: In Žižek’s view, Hegel’s “tarrying with the negative” means “conceiving positive being itself as materialization of Negativity - as “metonymy of Nothing”, to use the Lacanian expression; more specifically, in this context, the “positive being” of subjectification is the “materialization of the subject.”

tempo todo, ameaçando explodir¹⁰. (ŽIŽEK apud DALY, 2004 p. 65)

Para Žižek, essa condição transcendental seria a causa do surgimento de algo que chamamos sujeito, o movimento de uma auto irrupção imanente de um ser natural, e ele identifica a pulsão de morte como sendo a condição primária para essa disrupção acontecer. Podemos dizer que o sujeito Žižekiano identifica o \$ em sua pureza como pulsão de morte. Não haveria nenhum tipo de “unidade anterior”, mas a própria superfície inconsistente é tudo o que há. Desta forma, Žižek dá à noção de “pulsão de morte” não apenas um caráter primeiro em relação à constituição psíquica do sujeito, mas coloca essa noção como central para pensar a própria estrutura do mundo.

Žižek ressignifica o sujeito mediante sua interpretação de Hegel. O sujeito é entendido como pura negatividade, ou como pura pulsão de morte. O vazio da coisa é equivalente à negatividade que define o sujeito. O que há por trás da aparência é, portanto, nada; Nada esse que é o sujeito. Para superar essa ilusão de que há algo escondido atrás das aparências, é preciso que o sujeito “atravesse a fantasia” e encontre apenas o seu próprio ato. É o que ele chamaria de “materialismo transcendental”.

Como afirma Johnston (2008):

Para Žižek, a passagem de Kant para Hegel é a transição de um vazio epistemológico para um vazio ontológico, de uma Coisa inacessível para além do alcance do sujeito para o sujeito em si, como a Coisa incapaz de ser reduzido aos fenômenos, no meio dos quais ele é não obstante, condenado a circular (i.e., o \$ laciano). E quando propõe esta equivalência entre o Além do fenômeno e a atividade de ir além do fenômeno (uma atividade que permanece imanente ao mundo das aparências que é constantemente excedido), Hegel afirma que a coisa-em-si é realmente subjetividade na medida em que esta última é um X totalmente indeterminado por qualquer conteúdo empírico

¹⁰Original em inglês: This would be my fundamental model. It is this primordial dimension, this transcendental condition, which interests me. Why? Because of course this dimension is here all the time. It's not primordial in the sense that it happened before ... No, it is a dimension which, as it were, sustains us all the time; threatening to explode.

particular, algo fora da articulação com os objetos da experiência. Como tal, esta subjetividade é liberdade por si (e isso é também crucial para o projeto de Žižek de repensar o conceito de autonomia na interseção do idealismo alemão, uma teoria marxista da ideologia, e a concepção psicanalítica do inconsciente¹¹). (JOHNSTON, 2008, p. 140)

Esta noção de contingência pensada por Hegel se torna crucial para entender o giro que Žižek propõe para a sua proposta materialista, i.e., Žižek inverte a priorização da transcendência para a imanência. Ele insiste que a imanência fenomênica é o grau zero de partida para a filosofia e que a própria essência nada mais seria que uma autofissura da aparência, o que implicaria que a noção de essência, como algo consistente, seria um efeito da inconsistência fenomênica. Como coloca Žižek, “as múltiplas inconsistências de perspectivas entre os fenômenos não são um efeito do impacto da Coisa transcendente – ao contrário, esta Coisa não é nada além da ontologização da inconsistência entre os fenômenos.”¹² (ŽIŽEK, 2003, p. 66). O problema que se coloca em última instância seria como se daria essa passagem desse sujeito pensado como pura negatividade para a sua efetivação para fora de si, ou seja, como se dariam as diferentes visões em paralaxes no sujeito de maneira autônoma.

Na medida em que o absoluto deve ser compreendido como sujeito e não como substância (HEGEL, 1993, p. 32), e o sujeito é pensado como uma fissura, segundo Žižek, um \$ que coloca o mundo por um ato livre, como se poderia pensar as condições

¹¹ Original em inglês: “For Žižek, the passage from Kant to Hegel is the transition from an epistemological void to an ontological one, from the inaccessible Thing beyond the subject’s reach to the subject itself as the Thing incapable of ever being reduced to the phenomena amongst which it is nonetheless condemned to circulate (i.e., the Lacanian \$). And, when proposing this equivalence between the Beyond of phenomena and the activity of going beyond phenomena (an activity remaining immanent to the world of appearances that it’s constantly exceeding), Hegel claims that the thing-in-itself is really subjectivity insofar as the latter is an X utterly undetermined by any particular empirical contents, something out of joint with the objects of experience. As such, this subjectivity is freedom per se (and this is also crucial for Žižek’s project of rethinking the concept of autonomy at the intersection of German idealism, a Marxist theory of ideology, and the psychoanalytic conception of the unconscious.)” (Tradução nossa)

¹² Original em inglês: “The multiple perspectival inconsistencies between phenomena are not an effect of the impact of the transcendent thing - on the contrary, this Thing is nothing but the ontologization of the inconsistency between phenomena”. (Tradução nossa)

de possibilidade no nível de uma ontologia fundamental, uma vez que não há nada escondido além daquilo que se mostra? É no intuito de responder a essa questão que Žižek se ancora tão fortemente nas formulações hegelianas.

O sujeito hegeliano - i.e., o que Hegel designa como absoluto, negatividade autorrelacionada é nada além do gap o qual separa fenômenos da Coisa, o abismo, além dos fenômenos, concebido em seu modo negativo, i.e., o gesto puramente negativo de limitar fenômenos sem prover nenhum conteúdo que preencheria o espaço além do limite. Por essa razão, devemos estar muito atentos se não estamos perdendo o que Hegel tem em mente quando ele insiste que o Absoluto tem que ser concebido também como sujeito, não apenas como substância: a noção predominante do gradual tornar-se sujeito da substância (do sujeito "ativo" deixando sua "marca" na substância, moldando-a, expressando nela seu conteúdo subjetivo) é, aqui, sem dúvida, duplamente mal compreendido. Primeiro nós devemos ter em mente que, com Hegel, esta subjetivação do objeto "nunca se encerra": há sempre um resto da substância, o qual elude o alcance da "mediação subjetiva" e longe de ser um simples obstáculo impedindo a atualização completa do sujeito, esse resto é *stricto sensu* correlativo ao próprio ser do sujeito¹³. (ŽIŽEK, 1993, p. 30)

Esta leitura que Žižek propõe da noção de sujeito em Hegel permite que Žižek identifique o sujeito hegeliano à noção de pulsão de morte de maneira mais clara. O que

¹³ Original em inglês: The Hegelian subject -- i.e., what Hegel designates as absolute, self-relating negativity -- is nothing but the very gap which separates phenomena from the Thing, the abyss beyond phenomena conceived in its negative mode, i.e., the purely negative gesture of limiting phenomena without providing any positive content which would fill out the space beyond the limit. For that reason, we must be very attentive if we are not to miss what Hegel has in mind when he insists that the Absolute has to be conceived also as subject, not only as substance: the standard notion of the gradual becoming-subject of the substance (of the "active" subject leaving its "imprint" on the substance, molding it, mediating it, expressing in it his subjective content) is here doubly misleading. First, we must bear in mind that with Hegel this subjectivization of the object never "turns out": there is always a remainder of the substance which eludes the grasp of "subjective mediation"; and far from being a simple impediment preventing the subject's full actualization, this remainder is *stricto sensu* correlativo to the very being of the subject (ŽIŽEK, 1993 p. 30)

resiste ao processo de subjetivação, o resto, é aquilo que Žižek entende por objeto a lacaniano. Da mesma forma, a noção de que não há nada além da aparência evidencia, para Žižek, o fato de que o mundo é “não-*Todo*”¹⁴, ou seja, não há algo que ordene ele de fora. Aqui, o diálogo com a psicanálise lacaniana se mostra em sua face mais nítida.

5. Conclusão

Diante do exposto, pode-se perceber que o conceito de pulsão de morte é um conceito fundamental para pensar a psicanálise a partir da segunda tópica freudiana. Tal conceito, mesmo que não trabalhado extensivamente por Freud, receberá uma fundamentação grande em Lacan, de forma que tal conceito está na base da noção de gozo e de Sujeito lacaniano, e em Žižek tal conceito adquire um caráter ainda maior, pois aparece como uma chave de leitura para pensar a própria realidade do mundo no projeto Žižekiano. Evidenciamos, portanto, esse *crescendum* do conceito de pulsão de morte nas formulações dos autores trabalhados.

¹⁴Esta noção se baseia na tábua da sexuação proposta por Lacan no seminário 20 de 1972/1973, em que proporrá uma distinção entre a posição feminina e masculina em relação ao significante fálico.

Referências

AZEVEDO, Monia Karine; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. “O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud”. Rev. Subj., Fortaleza , v. 15, n. 1, p. 67-75, abr. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jun. 2020.

DALY, Glyn; ŽIŽEK, Slavoj. “Conversations with Žižek”. Great Britain: MPG Books., 2004.

FREUD, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar.” In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago. 2006 (Originalmente publicado em 1914).

FREUD, Sigmund. “As pulsões e seus destinos.” In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. 2006 (Originalmente publicado em 1915)

FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer.” In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. 2006 (Originalmente publicado em 1920).

FREUD, Sigmund. “O mal-estar da civilização.” In J. Strachey, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. 2006 (Originalmente publicado em 1930).

Garcia-Roza, L. A. “Introdução à metapsicologia freudiana” (Vol. 3, 7a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

Guillot, É. (2014). “Da agressividade à pulsão de morte.” *Almanaque on-line*, 14(1), 1-20. <http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2015/09/Almanaque14EricGuillot.pdf> acessado em 24/06/2020

HEGEL, G.W.F. “Fenomenologia do Espírito.” Trad. de Paulo Meneses, com a colaboração de José Nogueira Machado, SJ. Petrópolis, RJ. Vozes,: 2 ed. 1993.

JOHNSNTON, Adrian. “Žižek ontology. A transcendental materialist theory of subjectivity.” Northwestern University. Studies in Phenomenology and Existential Philosophy. Evanston, Illinois: Northwestern Univesity Press., 2008.

LACAN, J. (1946). “Formulações sobre a causalidade psíquica”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.152-194.

LACAN, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.238-324.

LACAN, Jacques. “O seminário. Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954- 1955) Tradução de Marie Christine e Lasnik Penot; com a colaboração de Antonio Luiz Quinet de Andrade - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques, “O Seminário. Livro 5: as formações do inconsciente.” Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2002.

RECALCATI, Massimo. “Jacques Lacan. Vol I. Desiderio, Godimento e soggettivazione.” Milão: Raffaello Cortina Editore., 2012.

ŽIŽEK, Slavoj; MEDEIROS, Carlos Alberto. “Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito.” Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 191 p

ŽIŽEK, Slavoj. “Liberation Hurts: An Interview with Slavoj Žižek” (with Eric Dean Rasmussen). 2003. Disponível em <https://electronicbookreview.com/essay/liberation-hurts-an-interview-with-slavoj-žižek/> Acesso em 22 de junho de 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. “Tarrying with the negative: Kant, Hegel, and the critique of ideology.” Durham: Duke University Press, 1993. viii, 289p.